



ARGUIÇÃO DE TESE

LYGIA FAGUNDES TELLES, O EU E O(S) NÓS: LEITURAS (INTER)SUBJETIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Defesa de mestrado de Geovanna Luzia Limpo dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Agra de Brito Neves

Sessão ocorrida em 31 de março de 2025, às 10h, na Unicamp

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de literatura; Lygia Fagundes Telles; Leitura subjetiva.

ALBANESE, Bruno C.¹

Viçosa, 31 de março de 2025.

Querida Lygia,

Você não me conhece, sou Bruno, um professor e linguista aplicado que muito lhe admira. Aqui, da terra do doce de leite, suspeitei que você gostaria de saber um pouco sobre um trabalho acadêmico que li, por ventura da missão que recebi de uma grande amiga para avaliar se uma de suas orientandas, a Geovana, faz jus ao título de mestra em Linguística Aplicada.

Sem querer criar mistério sobre o meu voto, como os ministros do Supremo Tribunal têm feito para nos deixar ansiosos sobre a condenação de certos criminosos golpistas, já adianto que, por mim, ela está aprovadíssima.

¹ Professor de Linguística Aplicada no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9646-2263> - E-mail: bruno.albanese@ufv.br

Ao longo do texto, deixei comentários sobre passagens que podem ser revistas. Mas, no lugar de questioná-la, julgá-la, refutá-la, ou qualquer uma dessas práticas de demonstração de poder da esfera acadêmica, considero muito mais relevante contar para você, querida Lygia, as tantas reflexões inspiradoras dessa dissertação. Afinal, você é a estrela guia desse trabalho, pois a Geovana, que já me autorizo quebrar o decoro e chamá-la de Geo, te ama. Na verdade, você já a conheceu, sabia? Tente-se lembrar de uma jovem que te abraçava sempre com lágrimas nos olhos e, toda vez que ela ia tirar uma foto com você usa verde em sua homenagem. Lembrou?

Como estava dizendo, a Geo te ama. E suspeito, que você a ama de volta, porque, como afirma bell hooks (2021), amar é ação de promover conscientemente a evolução espiritual do outro. Não há dúvida ao ler as primeiras páginas da dissertação como suas palavras constituem a Geo. E como o amor é o que o amor faz, outro ensinamento de bell hooks, ela decidiu, em um assumido projeto pedagógico, promover o encontro dos alunos dela com os seus textos. A dissertação é então, assumidamente, um registro do amor dela por você e do intuito que seus textos, e por consequência você, nunca morram por sempre encontrar novos leitores. Esse pode parecer para a Geo o principal legado de sua dissertação de mestrado. Mas escrevo esta carta para contar que existem muitos outros.

O primeiro ponto para mim de grande destaque é a discussão sobre intenção subjetiva. Com esse conceito, que acredito que a Geo está cunhando em seu trabalho, ela defende que o professor de Literatura deve ser, antes de mais nada, um leitor, para então ser um mediador de leitura. Sendo assim, ele pode escolher as obras que o encantaram e transmitir esse amor aos alunos. Lygia, a Geo consegue demonstrar com os dados como o amor dela por você e pelos seus textos é porta de entrada para os alunos também se reconhecerem nas suas palavras. Ou seja, quando o professor de Literatura é encantando pela obra que ensina, há uma maior potencialidade para que seus alunos também se encantem. Que conceito importante e bem fundamentado teórica e empiricamente – o que é o mais importante em uma pesquisa de Linguística Aplicada! Mas a Geo não para por aí: ela relaciona o conceito de intenção subjetiva com as considerações de bell hooks sobre o ensino, construindo o grande momento de seu capítulo teórico. Coloco um trechinho para você também se deliciar:

É o amor à leitura de literatura e à docência que me impulsiona em sala de aula, tanto na seleção dos textos literários a serem lidos e fruídos por mim e por meus alunos, proporcionando-nos uma leitura intersubjetiva, quanto no próprio ato de ensinar, porque acredito que “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio,

desinteresse e à apatia onipresentes [e] que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula.

Não é precioso esse trecho? Com certeza, irei citá-lo.

Você não ficou também verde amarela de inveja por não ser aluna dela? Pois eu fiquei.

No entanto, refletindo sobre essas considerações, fiquei me perguntando **o que a Geo pensa sobre como os cursos de Letras estão ou não atuando para formar professores-leitores. Há espaço nos currículos das Licenciaturas em Letras para encontros encantados com a Literatura? E se há, eles estão sendo ocupados?**

Outro ponto que gostaria de destacar da teoria, querida Lygia, é como ela revela que a Geo possui uma das características mais importantes de um pesquisador, ainda mais de uma linguista aplicada: a escuta. Aprendi com a minha orientadora o potencial subversivo da escuta atenta: ouvir o que o outro diz é parte do processo de nossa própria conscientização crítica (Rocha, 2020). O texto que a Geo apresenta para a defesa mostra como ela escutou as muitas sugestões teóricas e metodológicas feitas por nós em sua banca de qualificação. Na parte teórica, especificamente, fico muito contente que o muito que apontei no momento da qualificação foram ouvidos e ressignificados. Isso revela um pouco do meu narcisismo sim, mas o principal motivo é a emoção de ver que eu sei mais sobre o ensino de Literatura agora porque minhas provocações foram respondidas.

Garanto para você que minha colega manauara, a outra componente da banca de avaliação, também deve ter se sentido muito contemplada. Uma vez que todas as sugestões que fez sobre a construção da análise foram ouvidas e desenvolvidas com primor. Se você e Geo são de áries, Lygia, eu sou de touro com júpiter em virgem. Isso me faz quase um psicopata da tabela: a moda do seu vilão Ricardo, vibro com um plano de pesquisa bem traçado e dados e critérios bem tabulados. Portanto, apreciei muito o desenvolvimento do capítulo metodológico. Sendo assim, reconhecendo a escuta atenta, digo a você com toda a certeza que se a Geo ainda usava verde no momento da qualificação, agora ela já também pode usar preto como pesquisadora.

Então chego ao capítulo das análises. É impossível não imaginar o quanto você se divertiria com as falas e comentários desses alunos e dessas alunas. O trabalho da Geo contém um conselho importante para todos os escritores e escritoras literários em atividade: não leiam os críticos, escutem os alunos. É, minha querida escritora, você ainda vive. Seu corpo ainda está quente. Porque sua obra evidentemente ainda diz muito e diz mais alto quando se torna

acessível pelo coração de quem te ama. Por essa razão, as falas desses estudantes em sala e seus comentários em diário e prova me levam a muitas reflexões. O ideal, e espero que um dia se concretize, vamos (eu, Geo, Cynthia, Stephanie) bater esse papo com você. Mas, como por enquanto os mistérios da vida e da morte nos separam, a Geo vai pensar comigo, pensando por ela e por você.

A primeira questão que me chama a atenção é em relação a uma decisão de textualização. A Geo, Lygia, usa sempre o sintagma “o estudante”, mesmo que se perceba pelo trecho do diário que se trata de uma aluna. Não tive como não lembrar quando você conta que ficou felicíssima ao publicar seu primeiro livro de contos e receber a “elofensa”: escreve como um homem barbado. Sei que a Geo não é do infeliz time “meninas vestem rosa/meninos vestem azul”, **então fiquei me perguntando o porquê dessa escolha**. Esse estranhamento me levou a uma pergunta, que a Geo não precisa responder em seu trabalho - porque não é uma questão de sua pesquisa -, mas que pode ser a chave de leitura para artigos que venha a escrever sobre esse corpus tão rico: **há diferenças entre a recepção subjetiva dos alunos e das alunas?**

Questões de gênero pairaram minha leitura. Talvez meu desejo taurino/virginiano de organizar a não organizável experiência humana, goste desse conceito. Porém, agora, no sentido de gênero discursivo. Contos geralmente são tema do início do Sexto Ano e são ensinados a partir dos contos de fada/maravilhosos. A maioria dos materiais didáticos ensinam, inclusive, uma estrutura muito antiquada: situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho. Você, Lygia, é você, por muitos motivos e um deles é sua destreza criativa em revolucionar o gênero conto. Quem não lê “A Chave” e sente toda a potência da estética da brevidade, bom leitor não é, é ruim da cabeça ou doente da vista. Sendo assim, imagino que os alunos podem ter sentido uma estranheza ao saírem das histórias infantis dos Irmãos Grimm e se depararem com a obra da dama da literatura brasileira. Me pergunto: **houve esse estranhamento para além dos finais sem fim?**

Outra potência, poética e acadêmica, do texto que a Geo escreveu para você é ele ser também composto descaradamente da subjetividade dela. Como leitor, isso também me leva a viajar pela minha. Pois bem, em vários momentos me lembrei das minhas aulas na disciplina de Interpretação que tive com uma professora muito importante para mim, a Inês Signorini. Um texto que ela passava era do Jonathan Culler (1993), parte de um livro de debates sobre interpretação e superinterpretação. Na invenção da minha memória, já que catorze anos me separaram dessa leitura, lembro que o Culler uma hora defende: olha, se há, de fato, superinterpretação, o que importa é que ela é mais divertida que a interpretação. No caso da

Constituição, eu discordo. Há muito advogado e *influencer* fascista superinterpretando-a para defender o indefensável. O indefensável que você mesma já lutou bravamente contra. Mas, no caso da literatura, eu concordo e muito. Nenhuma fortuna crítica da sua obra, Lygia, será tão cheia de sentido quanto as superinterpretações dos atuais e futuros alunos da Geo.

O que me chamou muito a atenção foi o fato de os contos “A Caçada”, “Natal na Barca” e “Venha ver o pôr do sol” terem construções interpretativas mais densas – não sei se essa é a melhor palavra – do que “As Formigas”. Ao ler os dados, sinto que os alunos construíram textos dos leitores (Langlade, 2013) mais evidentes com os três primeiros. Diferente da Geo, “As formigas” é um dos seus contos que menos gosto. Ele ressoa pouco com a minha subjetividade e me pareceu também soar menos com a desses alunos, apesar de alguns terem afirmado que foi o seu favorito. Então aí fui obrigado a voltar a mim mesmo e entender o porquê. Os alunos da Geo me ajudaram nesse processo. Veja bem: em “A Caçada”, há muita reflexão a partir de discussões contemporâneas de saúde mental; em “Natal na Barca”, além da saúde mental, há também reflexões a partir das infelizes discussões contemporâneas sobre democracia e regimes totalitários; em “Venha ver o pôr do sol”, considerações a partir das discussões contemporâneas de feminicídio. Ou seja, Lygia, esses alunos enquadram sua escrita a partir dos debates contemporâneos e, ao mesmo tempo que ressignificaram sua obra por essa perspectiva, sua obra também ressignifica a visão deles sobre esses debates. O mesmo acontece comigo. Não é que não goste de “As Formigas”, mas eu não consigo construir com esse texto um duplo reenquadramento. **Será que estou certo ou estou superinterpretando os dados?**

Quero destacar a importância da discussão sobre as diferentes leituras de um mesmo texto, em um mesmo tempo e por um mesmo aluno quando inserido em práticas diferentes de letramento. Isso me comprova que as definições de letramentos literários (Paulino & Cosson, 2009; Amorim et al, 2022) ainda são míopes, porque estão mais interessadas na prescrição do que na descrição. Miopia que não afeta a sua Geo, Lygia, porque ela encara a realidade da sala de aula de Literatura com a coragem de contar suas alegrias e suas dores: é lindo, é poético, é militante narrar como um aluno se aventura na incerteza da literatura em seus diários; mas é honesto, é inquietante, é urgente narrar como um aluno reconhece que precisa se formatar para responder uma prova. Não é o caso de aplaudir a primeira prática de letramento literário e rechaçar a segunda, pois nesse movimento nada resolvemos e ainda culpabilizamos a já tão enfraquecida imagem do professor. É nós perguntarmos: por que essas práticas existem?; a quem elas interessam?; como elas se perpetuam?; quais relações de poder pelo texto literário elas ecoam?; como podem conviver se não podem se anular?.

Por fim, quero agradecer a Geo por um motivo pessoal. Dia 31 de março, desde 25 de maio de 2021, é um dia dolorido para mim. Porque hoje meu avô faria 86 anos. Ele está no mesmo plano que você, Lygia, então esse dia é sempre de saudade. Mas, a partir de agora, também é um dia que me orgulharei, pois testemunhei a Geovana Luzia Limpo dos Santos, uma mulher goiabada como você, conseguir se entender uma professora pesquisadora por meio de sua dissertação de mestrado.

Da terra do doce de leite, me despeço, na mesma esperança da mãe da barca, por dias de rio verde e quente enquanto estamos neste plano e por um encontro quando estiver no próximo.

Um enorme abraço de quem muito te admira, Bruno.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M.A. et al. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.

CULLER, J. Em defesa da superinterpretação. In: ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

hooks, b. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A; LANGLADE, G; REZENDE, N.L. (orgs.) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ROCHA, C.H. Escute com seu corpo”: O potencial subversivo do afeto em tempos sombrios. In: *Revista X*, v. 15, n. 4, 2020, p.115-125.